

Revista Agrícola

Orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza
da agricultura portugueza

PROPRIETARIO E DIRECTOR

DR. ANTONIO JOSÉ DA CRUZ MAGALHÃES

Director do Laboratorio da Estação Chimico-Agrícola do Porto

COM A COLLABORAÇÃO DOS EX.ºS SRS.

Adelino Freire d'Almeida Dias, agronomo de Mirandella—*Adolpho Frederico Moller*—*Affonso Pereira Cabral*, engenheiro civil, proprietario agricultor—*A. Arthur Telles de Menezes*, professor na Escola de Viticultura Alexandre Seabra—*Dr. Agostinho de Souza*, medico e professor do Instituto Industrial do Porto—*Amando de Seabra*, agronomo, director do Laboratorio Chimico da Fiscalisação dos Vinhos e Azeites—*A. J. Ramalho*, proprietario agricultor—*A. M. Lopes de Carvalho*, proprietario agricultor—*A. M. Borges d'Araujo*, proprietario e viticultor—*Alfredo Barjona*, proprietario agricultor—*Annes Baganha*, medico veterinario e delegado de saude pecuaria—*Dr. Arthur Cardoso Pereira*, medico, bacteriologista no Laboratorio Chimico-Agrícola do Porto—*Cincinnato da Costa*, professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*C. J. de Lima Alves*, demonstrador de chimica na Escola Polytechnica e no Instituto de Agronomia e Veterinaria de Lisboa—*Filippe de Figueiredo*, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*F. A. Palma de Vilhena*, agronomo do districto do Porto—*F. M. Martins d'Oliveira*, proprietario agricultor—*Francisco Simões Margiochi*, digno par do reino e agronomo—*Gonçalo de Sampaio*, botanico—*Henrique de Mendia*, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Dr. Hugo Mastbaum*, director do Laboratorio Chimico-Agrícola de Lisboa—*João da Camara Pestana*, bacteriologista do Laboratorio Chimico-Agrícola de Lisboa—*J. I. T. de Menezes Pimentel*, agronomo, director da Estação de Sericicultura de Mirandella—*João Marques de Carvalho*, regente agricola—*João Marius Coutinho*, proprietario agricultor—*João da Motta Prego*, agronomo, professor no Instituto de Agronomia e Veterinaria—*J. V. Paula Nogueira*, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Joaquim Rasteiro Junior*, director da Escola de Viticultura Ferreira Lapa—*José d'Azevedo Menezes*, proprietario agricultor—*Jose Duarte d'Oliveira*, proprietario viticultor—*Dr. José Julio Gonçalves Coelho*, advogado—*José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes*, Director dos Serviços Ampelographicos—*José Manoel Rodrigues*, professor no Instituto Industrial do Porto—*José M. Alves Tórgo*, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Dr. Julio A. Henriques*, lente da Universidade e director do Jardim Botânico de Coimbra—*D. Luiz de Castro*, agronomo, chefe de serviço no Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Luiz Rebello da Silveira*, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Manoel do Carmo Rodrigues de Moraes*, director da Escola Agrícola de Ponte do Lima—*Dr. M. Hoffmann*, chimico demonstrador no Instituto de Agronomia e Veterinaria—*Manoel D. Guimarães Pestana da Silveira*, proprietario viticultor—*Padre Miguel José Rodrigues*, professor no Lyceu Central do Porto—*Dr. Otto Klein*, chimico analysta do Laboratorio Chimico-Agrícola de Lisboa—*Rocha Peixoto*, preparador de mineralogia na Academia Polytechnica do Porto—*Visconde de S. Bento*, proprietario agricultor—*Visconde de Villarinho de S. Romão*, engenheiro civil e proprietario agricultor.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA

REVISTA AGRICOLA

Praça do Marquez de Pombal, 111 — PORTO

AGENCIA CENTRAL

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

Rua dos Clerigos, 8 e 10 — PORTO

mas com menos proveito de outros, manuseado as *sebentas* da Universidade não pôde ainda conseguir um empregosinho remunerador com a competente aposentação, que é o que mais o enamora».

Conheci em tempo um sr. Padre João Coutinho, que era capellão do extinto regimento de caçadores 5; frequentava muito o gabinete do fallecido director geral d'agricultura, o conselheiro Moraes Soares. Esse sr. Padre Coutinho, cavalheiro, com o qual tive sempre e continuo a manter as melhores relações, reformou-se e foi viver para a Anadia: foi tratar das suas vinhas e gozar das vantagens da sua reforma de capellão (major).

Agora apparece um distincto collaborador da *Revista Agricola*, que se assigna Padre João Coutinho—e que escreve da Anadia.—Reconheço pois que não é o mesmo, porque elle diz que *não pôde ainda conseguir um empregosinho remunerado com a competente aposentação, que é o que mais o enamora*.

Quem escreve isto não é pois o cavalheiro que eu conheço.

Francisco Simões Margiochi.

A Piscicultura em Portugal

X

(CONCLUSÃO)

E afinal, de tudo o que se operou, e disse, e fez, que resulta para a implantação e progressos da industria aquicola em Portugal? Verdade que até á hora que é pouco mais de nada! Uma pequena litteratura especial de theoreticos, algumas tentativas frustradas, outras insipientes e minusculas, um serviço official cuja esphera de acção é mais que opprimida á mingua de recursos, algumas suas dependencias— as commissões locaes—absolutamente inuteis, desinteressadas e incompetentes e uma estação aquicola de que se esperam os primeiros fructos, eis o que exprime o movimento e o estado da piscicultura no paiz!

A proclamada experiencia das coisas e dos homens, que todos nós vamos atormentadamente adquirindo, deve-nos ter assegurado— aos que em taes assumptos pousam reflexão e interesse— que é ainda da iniciativa individual e particularista que virá um dia, porventura, o desenvolvimento gradual d'uma industria mal encetada

sequer. A agricultura, a industria e o commercio, depois das lentas e remotas conquistas que pouco a pouco vêem alcançando, constituem pelas suas forças collectivas e entendidas, elementos de poder que lhes garantem a defeza e promovem o triumpho crescente das suas aspirações e interesses. Assim, em menor ambito, succederia a outras individualidades economicas, se outra tambem fôra a importancia adquirida pelo trabalho, iniciativa e serviços que ellas representassem. Uma centena de piscicultores distribuidos por este paiz tão largamente irrigado, seria pouco mas já um elemento para contar nas reclamações em favor d'uma occupação representativa de consideraveis interesses locaes, de estabilisação de valores, de applicação de entendimento e de energias. Alheiado, todavia, o publico e derivativamente sem instigações nem estimulos as administrações central e locaes, mesmo apesar das funcções tutelares que o estado carece de assumir ante a parada iniciativa portugueza, a piscicultura só logra promover as declamações entristecidas d'um ou outro annotador das incurias nacionaes e o desvelo governamental, mas sempre parco, que o interesse d'alguem egoistamente provoca. E como raro coincidem as aspirações pessoaes com as mais legitimas necessidades do paiz, em pura perda se traduz mesmo o diminuto recurso distrahido em nome do fomento da aquicultura portugueza.

Vimos precedentemente a quasi unanimidade de opiniões ácerca das vantagens excepçionaes. da ria de Aveiro como estancia de primeira ordem, na peninsula, para os trabalhos iniciaes de piscicultura, sua experimentação, seu ensino e sua propaganda; breve uma grande área saccada aos seus quarenta e tantos mil hectares constituiria uma como grande piscina com a capacidade productora de alimentar numerosas populações. E como por essa costa fôra abundem as bahias, lagoas e outros locaes facilmente adaptaveis a piscinas, o exemplo, o ensinamento e o estimulo adquiridos em Aveiro seriam os factores naturaes d'uma larga expansão aquicola.

Mas não. Preferiu-se começar pela piscicultura fluvial, isto é, por aquella de que se obtem apenas o peixe para os ricos — salmão e truta — uma vez que as outras especies indigenas mal são para contar. Ficaram assim ao desamparo as especies que mais importavam ao consumo geral da nação, não só por mais baratas, como variadas.

Depois, e a despeito d'esta preferencia, indigitaram-se, em particular ou em publico, cursos d'agua que podiam servir um determinado interesse, mas cuja lembrança apenas bastava para a irrisão geral. No Minho, no Lima principalmente, em virtude das difficuldades que n'aquelle rio se levantariam pelo facto de ter margens confinantes com terra alheia, a pesca do salmão é tradicional e a sua decadencia sobejamente proclamada. Installar pois uma estação

proxima de Vianna seria alcançar os resultados que se propõem colher no Ave, mas accrescidos pela repovoação mais facil e rapida d'aquelle importante curso, mercê da vigilancia e fiscalisação estreitas que o proprio pessoal realisaria. As condições, a extensão e a tradição, influenciadas pelo exemplo vivo e presente d'um laboratorio, dariam ensejo a que, no Lima, a piscicultura tomasse um desenvolvimento que não podemos esperar no Ave, por tantos, varios e obvios motivos que é inutil insistir n'elles.

Distribuir peixes novos no Lima, estando ali a estação, e ensinar os povos marginaes a respeitarem esta tentativa, esclarecendo-os, explicando-lhes, autoando-os e punindo-os era facil e sequer obteriamos, n'um grande rio do paiz, uma vasta producção. Mas largar de Villa do Conde um homem com bocetas, despejal-as no Zezere e vir-se embora, sabendo-se o que pôde entre nós a fiscalisação hydraulica e florestal e não se ignorando a ausencia d'uma corporação de guarda-rios, é conseguir, por tal via e processos, o descredito e o desaire que a industria aquatica não merece. Isto não é fallar em vão: o futuro nos dirá — vão os senhores tomando nota, se quizerem — o que valeu a repovoação dos rios portuguezes por este processo simples de despejo, desajudado d'uma policia especial e d'outros meios accessorios e garantantes do successo appetecido; por outro lado veremos ainda o que importa para a economia da nação tudo o que se conseguir no rio Ave, na boa-fé de, ao menos, lucrar esta arteria fluvial com a escola que lá medra.

Apesar de tudo isto, na hypothese momentanea d'um exito que feliz e jubilosamente desmentisse as asserções que para aqui ficam, é necessario ainda notarmos o que, lá fóra, a experiencia tem denunciado rudemente: é a inferioridade do methodo artificial relativamente ao natural, ou sejam os fracos resultados obtidos com a distribuição de ovos embryonados procedentes de cultura n'uma estação e breve dispersos em varios cursos de agua distantes. Os tanques consagrados á *alevinage*, formados em annexo a um rio e opportunamente abertos de sorte que a sahida do peixe e a sua marcha não encontre differença alguma estranha á vida anterior, que a estatura e o instincto tenham já o desenvolvimento necessario para a sua defeza, que outras circumstancias mais sejam um impedimento dos varios perigos que victimam o producto artificial, eis o que, economicamente, vae produzindo resultados muito mais animadores. Os praticos começam a horrorisar-se com as maravilhosas conquistas da sciencia, com as bellas indagações biologicas e outras dos laboratorios. E como queiram producto compensador do capital dispendido e do trabalho empregado, entre um methodo e outro a experiencia tem-os lento e lento arredado de processos muito bellos, sem duvida, mas não tanto apparatusos em lucros e beneficios. Ora

a piscicultura de que carecemos em Portugal não é a de luxo sabio que, por mais engrinaldado e resplendente, já agora não nos salvará da infima subalternidade que tacitamente nos reconhecemos; da outra é que precisamos, d'aquella que poderá dar de comer ás populações que habitam um paiz tributario de dois milhares de contos annuaes de bacalhau!

Sem uma opinião collectiva de piscicultores, ou uma corrente de propagandistas concordes e auctorisados que provoquem as deliberações governativas, indispensaveis para o desenvolvimento das industrias aquaticas, é natural que os governos, d'este como de qualquer paiz, esqueçam as providencias que cumpria pôr em acção educativa e fiscalisadora. Falta de recursos e falta de pessoal sufficiente explicam o mutismo da corporação official destinada aos serviços da aquicultura e cujo programma e intuitos marcaram apenas mais um platonismo entre os muitos que inçam a regulamentação do trabalho entre nós. Não se crearão os parques-modelos, não se inscreverá nas escolas agricolas o ensino da aquicultura, não se organizará a corporação fiscal indispensavel, porque a verdade é que as localidades interessadas não reclamam legitimada e insistentemente semelhantes providencias. O que se tem escripto, com tino e com desacerto, poderá exprimir sympathicos devaneios ou interessados memoriaes; não representa, porém, interesses de collectividades, como succede n'outros casos em que imperiosamente se reclama e não raro se é attendido.

Se o poder central, por multiplas e complexas occupações, não cura da industria piscicola intervindo com a sua tutella que todo o portuguez lhe attribue enfadadamente, as corporações municipaes muito menos cuidariam de iniciativas locaes referentes a este e a outros ramos similares de fomento. Todos nós sabemos como ellas são formadas, o grau de capacidade e cultura que exorna, d'ordinario, os seus membros, as preoccupações e os interesses que os movem e mantem. Que esperar, pois, das camaras a não ser, n'uma ou n'outra, a reedição de insignificantes posturas sobre a pesca local, sempre infringidas por todos, a começar do alto?

Viu-se ainda o que significaram as commissões regionaes de aquicultura, nomeadas para velarem e fomentarem os progressos das populações ichthyologicas. Apesar de se restringir a esphera d'acção d'estas pequenas instituições a trabalhos e áreas insignificantes, nem o dever civico, nem a responsabilidade pessoal da incumbencia, nem sequer a curiosidade demoveram individual ou collectivamente a quasi totalidade dos seus membros a revestirem-se com a preparação indispensavel para o cumprimento de funções que não rejeitaram quando nomeados. A intenção que dictou estas providencias, não colhendo os resultados efficazes que se esperavam

dos interesses locais e da supposta idoneidade e brio pessoas dos nomeados, frustrou-se ao nascer e d'est'arte se gorou um dos meios mais sensatos e menos dispendiosos de propaganda e policia.

Temos pois de accusar tristemente que a piscicultura em Portugal é ainda uma esperança, apesar de falhada constantemente entre nós, mas alimentada legitimamente pelos resultados alheios. Se a necessidade de procurar novos meios de applicação de numerario ou de trabalho demover alguns homens a occuparem-se d'esta faina aquatica, cumpre-lhes estudarem individualmente os processos e a sua adaptação ás regiões escolhidas. É o que temos feito — os que escrevemos e os que praticam — sem recursos paternaes do estado, n'este caso, como em muitos outros, dispensaveis ante uma iniciativa e uma vontade.

As difficuldades accumular-se-hão, certamente. O piscicultor carece d'uma cultura que não se póde medir pela do rendeiro na lavoura. Tem de conhecer rudimentos de sciencias a que, em geral, os proprios diplomados são estranhos; tem de empregar apparatus com acerto e intelligencia; tem de applicar uma observação e vigilancia atinadas e estreitas. Mas tambem é verdade que as instruções indispensaveis se encontram hoje reunidas e compendiadas em excellentes tratados cujos preceitos, applicados com discernimento a uma dada região, são sufficientes para as mais esperançosas tentativas. A observação e a experiencia, aqui como em tudo, farão o resto.

Á imitação do paiz sempre imitado, um grupo de piscicultores d'uma zona é que poderá, ao deante, saber o estado das aguas em que cultiva, as causas do seu despovoamento, as disposições legais necessarias; e, constituido em associação de pesca e piscicultura, provocar as medidas do governo e das corporações locais, interessar o publico e levar as populações a trabalharem semelhantemente ou, sequer, a respeitarem o esforço d'outrem.

Da tentativa individual, pouco a pouco imitada, é que o interesse subirá progressivamente até ao poder central; d'este para baixo não ha sollicitude que fructifique, uma vez desacompanhada dos interesses d'um publico que teima em alheiar-se d'este ramo de producção e de trabalho.

Adoptando palavras d'outrem ficam aqui bem estas quasi-maximas para elucidação de muitos: «É necessario ter bem presente que o piscicultor é um verdadeiro lavrador, cujo campo de exploração não é uma terra e gados, mas sim um tanque e peixes. Posto que trabalhando n'um meio differente um piscicultor tende a um mesmo fim que o agricultor: produzir para a alimentação publica. O peixe no tanque é uma especie de gado no curral que tanto mais depressa engorda quanto melhor tratado é, com intelligencia e zelo».

Formular votos para que os piscicultores appareçam não se compadece já com a experiencia, dolorosamente provada, de quem tem na sua folha de trabalhos e tormentos, muitos clamores inuteis. E o certo é que precisavamos d'elles; escripta e escriptos sobejam — pois que até n'uma industria a nascer já se ha sido em demasia ruidoso e loquaz.

Resta a obra, se vier!

Porto — Outubro, 1899.

Rocha Peixoto.

A PISCICULTURA EM PORTUGAL ⁽¹⁾

Sr. redactor. — Os novos artigos do sr. Rocha Peixoto exigem, emquanto espero pela resposta ao meu questionario proposto no n.º 20 d'esta *Revista*, que eu peça a v. a publicação d'esta minha carta.

Pondo de parte, alguns factos que umas mal dissimuladas insinuações, de que tomo nota, me recordam, eu limitar-me-hei á questão scientifica, por ser esta a que desde já interessa liquidar, para que não restem duvidas de que não é esse o verdadeiro motivo d'aquelles desabafos, que se apresentam sob as apparencias d'uma critica historica, com destino ao ensinamento dos vindouros «n'um futuro d'outras prosperidades aquaticas». Bom é que ellas fiquem. O resto virá depois, e virá a tempo.

Eis os diversos pontos que merecem o meu reparo.

Eu confrontara a pesca das costas maritimas de Leça e Mattosinhos com a da ria de Aveiro. Como se sabe, a primeira é pesca costeira e pesca do alto e a da ria é pesca de agoas interiores.

Como se isto não bastasse, o rendimento da pesca em Leixões é superior ao da ria de Aveiro, como ficou demonstrado com algarismos ainda não contestados.

Ora foi a importancia dos portos de pesca que levou os Estados Unidos a installarem uma estação maritima em Gloucester e a França a crear a sua primeira estação aquicola, comprehendendo estudos maritimos e fluviaes, em Boulogne-sur-mer.

E, se tanto fôr preciso, eu estarei prompto a discutir as razões que levam a assim proceder.

Foi, pois, baseando-me na importancia da pescaria que vem a Leixões; na presença de agoa salgada e doce n'aquella região; e na

(1) A pag. 228, linha 41, onde se lê — *nem mesmo era*, deve lêr-se — *embora fosse*.